

D. Joaquim Gonçalves,
4.º Bispo da Diocese de Vila Real

1. Agradecer à Comissão Organizadora das comemorações do Centenário da Diocese de Vila Real. Agradecer à Câmara Municipal de Mondim de Basto (Presidente - Bruno Ferreira; Vice-Presidente Eng. José Carlos Amorim; Vereadora - Carla Silva)
2. Manifestar a enorme alegria em estar na minha terra a partilhar algumas vivências, enquanto Padre natural deste concelho, filho de duas serras a do alvão e Marão. Sendo a minha mãe natural de Campanhó - serra do Marão e o meu pai do lugar de Varzigueto - Ermelo, serra do Alvão.
3. Torna-se difícil de falar do 4.º Bispo da nossa Diocese de Vila Real, D. Joaquim Gonçalves. Pois, fui seu secretário nos anos de 1993 a 1996. Foram três anos conjuntos. O seu anterior secretário vivia no seminário, e por várias razões, inclusive questões de saúde, quando me nomeou para seu secretário, colocou-me a residir no Paço Episcopal sito no Carmo. Por ter privado de tão perto com D. Joaquim Gonçalves, espero em momento algum cometer alguma inconfidência. Por outro lado, como o Bispo de quem vou falar foi bispo coadjutor de 1987 a 1991 e de 1991 até 17 de maio de 2011 foi Bispo diocesano. Foram vinte anos de governo da Diocese (1/5 do centenário) preenchidos com muitas muitas vivências, umas jubilosas e outras tristes. Por isso muitas dessas vivências aconteceram com pessoas que ainda estão entre nós, graças a Deus. Isso exige muita cautela e prudência na escolha de pequenas histórias que selecionei para partilhar convosco nesta noite. Esta é razão pela qual selecionei histórias onde o protagonista sou eu
4. **Munus Docendi.** Diz São Paulo «Se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). O sr. D. Joaquim foi um mestre da fé. Procurava anunciar, como os Apóstolos, a Palavra de Deus com coragem. Como guardião da fé procurou defender o Povo de Deus perante os erros que o ameaçavam. Neste aspeto nem sempre foi atendido e compreendido, mesmo por um outro padre. Irritava-o tudo o que pudesse vir a criar confusão, dúvidas e incertezas no coração dos fiéis. Neste campo, do múnus de ensinar, o Dom Joaquim, não podemos negar que o fazia com autoridade. Não só a autoridade que lhe vinha como Bispo de estar revestido da autoridade de Cristo, mas porque na sua vida existia perfeita sintonia entre o ministério de ensinar e o testemunho de vida.

Nele existia credibilidade no que ensinava. O que ensinava, antes procurava vivê-lo. A este propósito guardo comigo a Bíblia que ele me ofereceu no dia em que fui instituído leitor. Para quem não sabe trata-se do primeiro ministério instituído para quem vai ser ordenado Padre. Foi no longínquo ano de 1992 no dia 07 de julho, dia de aniversário do meu pai. Escreveu esta dedicatória: “Quando a Palavra é Pessoa, é preciso amar para falar bem”. O D. Joaquim falava bem, não tanto porque tinha o dom da oratória, mas por que amava! Amava uma pessoa, Jesus Cristo!

- A. Ele anunciava a Palavra de Deus com vigor, procurava apresentá-la de forma atraente. A sua pregação era segura: assentava sempre na Palavra de Deus e na Doutrina da Igreja.
- B. Ele tinha um estilo de pregação muito peculiar. Usava imagens muito simples, uma linguagem muito acessível que a todos prendia na sua pregação. Ele sabia adaptar a linguagem a cada região da sua Diocese. Ele tinha perfeita noção que falar para o povo de Barroso não era a mesma coisa que falar para o Povo do Douro. Ele sabia mudar o registo na sua pregação se estivesse em Sonim, concelho de Valpaços, ou se estivesse em Limões, concelho de Ribeira de Pena.
- C. A Homilia foi sem dúvida a forma privilegiada de pregação. Ele preparava-se bem. Ele meditava ao longo da semana a Palavra de Deus do próximo domingo. Mesmo que habitualmente não escrevesse todas as homilias (fazia-o nos momentos importantes: Ordenações, Missa Crismal, Páscoa, Natal...) Ele organizava as suas homilias por pontos, sendo muito esquemático. No fim do dia, quando regressávamos a casa, conversávamos no carro como tinha corrido a visita Pastoral. Uma das perguntas que normalmente me fazia era: *“Achas que aquelas pessoas entenderam bem o que eu lhes disse?”*
- D. As cartas Pastorais e as mensagens foram formas que o D. Joaquim usou para apresentar a doutrina da Igreja. Escrevia todas as semanas na “A Voz de Trás-os-Montes”. Criou o Boletim Diocesano “Igreja Diocesana de Vila Real”. O D. Joaquim Gonçalves, por vezes, - temos que o dizer - era muito centralizador. Raramente consultava os seus colaboradores, mesmo na questão dos temas a tratar, na redação das cartas pastorais... (conselho Diocesano de Pastoral, Conselho Presbiteral).
- E. Fundação do Centro Católico de Cultura - Juntamente com o atual Bispo do Porto, D. Manuel Linda, então Reitor do Seminário de Vila Real, no Centro Católico de Cultura possibilitaram o curso de ciências religiosas. Com a escolha e colaboração de fiéis idóneos, foi possível dar formação e instrução teológica adequada e suficiente capacidade pedagógica aos professores de Educação Moral e religiosa Católica.

F. A Diocese de Vila Real, sempre valorizou muito a catequese. Teve sempre à frente do Secretariado Diocesano de Catequese sacerdotes e leigos muito empenhados que fizeram um trabalho gigantesco. Os Bispos da Diocese de Vila Real, neste campo tiveram o seu trabalho facilitado. Isto também porque sempre souberam escolher os homens certos para estar à frente da catequese Diocesana. - Mons. António Castro Fontes (1975 – 1998); Padre Manuel Queirós da Costa (1998 – 2016).

G. Formação do Clero - Sempre insistiu nos retiros do clero, nas semanas de atualização teológica, promoveu conferências, não obstante durante 20 anos apenas mandou um sacerdote fazer uma nova licenciatura numa faculdade eclesiástica em Roma.

5. **Munus Santificandi.** «Recomendo-te... que se façam preces, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens...», recomenda S. Paulo a Timóteo (1 Tm 2, 1). Ouvi muitas vezes dizer da boca do D. Joaquim: “o nosso Povo está a perder a piedade”. Esta foi a sua grande preocupação: a falta de piedade, nos fiéis e também nos sacerdotes. Ele procurou cultivar nos fiéis a piedade. Levando-os a amar profundamente a Deus e a viverem em comunhão com Ele. Este esforço era notório na forma como presidia às celebrações. Ele presidia bem, colocando todo o esmero em tenho numa celebração. Era um cumpridor exímio das normas litúrgicas.

A. Centros de Culto. No início dos anos 90 nalgumas capelas e até igrejas ainda não tinham sido feitas as adaptações à reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, e naquelas em que foram feitas estavam muito mal. O Bispo D. Joaquim Gonçalves tinha uma grande preocupação que as igrejas e capelas estivessem adoptadas à liturgia, a começar pela igreja catedral. Foi em 1992, era então secretário de Estado da Cultura Pedro Santana Lopes que se iniciou o diálogo com o Estado sobre as obras de remodelação e conservação da Catedral, por ser um monumento estatal. Lembro que a o vitral do Pintor João Vieira só veio a ser colocado em 2003. Foram anos e anos de muita “luta” entre o Bispo, arquitetos, pintores...

B. Nas Visitas pastorais dava especial atenção à forma como era proclamada a Palavra de Deus. O ambão, a instalação sonora...

C. Zelava para que as celebrações litúrgicas decorressem com o devido *decoro e ordem*. Era muito atencioso na vigilância sobre a dignidade dos paramentos e objetos litúrgicos, no cuidado se os ministros sagrados, os acólitos e os leitores se comportam com a necessária dignidade. A forma como as pessoas se apresentavam nas celebrações, mesmo no que dizia

respeito ao modo de vestir, um acólito que aparecesse revestido da túnica e com sapatilhas, ele fazia o reparo e a chamada de atenção...

- D. Mas quero deixar aqui assinalado que o Bispo D. Joaquim... neste campo, acho que muitos párocos não foram capazes de compreenderem o seu Bispo. Achavam que ele se intrometia demasiado em obras, em pequenas questões da liturgia, do canto, da música litúrgica, do restauro de imagens... só porque sim, porque era uma forma de implicar... mas não era. Era necessário conciliar a funcionalidade, com a beleza artística que deveriam levar à piedade, à introdução no mistério de Deus.

6. **Munus Regendi.** «Para que todos tenham vida». O Bispo, no exercício do seu ministério, à maneira do Bom Pastor que veio para dar a sua vida pelas ovelhas, deve ser pai e pastor. O Bispo é o bom pastor que conhece as suas ovelhas e é por elas conhecido, verdadeiro pai que se distingue pelo seu espírito de caridade e de zelo para todos. Todavia, também é o juiz que administra a justiça, imprescindível para o bem espiritual dos fiéis. De facto, em virtude do sagrado poder que exerce pessoalmente em nome de Cristo, tem o sagrado dever de ditar leis aos seus súbditos, de julgar e de regular tudo o que pertence ao culto e ao apostolado. Neste aspeto queria lembrar dois ou três aspetos:

- A. O primeiro, um dos aspetos da vida da igreja que por vezes criam conflitos entre os fiéis são as festas religiosas e a celebração do Batismo das crianças. As festas, e porque o estatuto jurídico das Comissões é praticamente omissivo pela legislação canónica; o batismo por causa das exigências que o código de direito canónico impõem aos padrinhos. Ou foi precisamente nestes dois campos que o 4.º Bispo de Vila Real não teve medo de legislar. Na Páscoa de 1993 publica um conjunto de normas disciplinares sobre as festas religiosas e em outubro de 2008 as normas para a celebração do Batismo das crianças. É óbvio que também legislou no campo das irmandades renovando os seus estatutos e dos conselhos diocesanos, como os estatutos do Conselho de Presbíteros;
- B. Na administração da justiça teve a iniciativa junto do Bispo de Bragança-Miranda e Lamego de criar um Tribunal Interdiocesano, o Tribunal Interdiocesano Vilarealense. É no ano de 2007 que é publicado o decreto, assinado pelos Bispos das três dioceses, da ereção deste tribunal de primeira instância, após aprovação do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica.
- C. No que diz respeito à participação dos fiéis nos Conselhos diocesanos, eu diria que está aqui o “calcanhar de aquiles” do episcopado do 4.º Bispo da Diocese de Vila Real. A dinâmica dos organismos de governo de uma Igreja Particular, seja o Conselho de Presbíteros, o Conselho Diocesano

de Pastoral, o Conselho Económico, o Conselho de Consultores não se inspiram nos critérios da democracia parlamentar. Estes órgãos são de natureza consultiva e não deliberativa. Mas o Pastor é chamado a fazer uma verdadeira auscultação. Atendendo ao temperamento do Sr. D. Joaquim, acabava por ser o moderador, o interveniente e obviamente aquele que decidia nestes conselhos. Temos de ser verdadeiros: muitos fiéis, leigos e presbíteros não queriam participar nos conselhos diocesanos, porque aí tinham que ser meros ouvintes.

- D. A Cúria Diocesana. Com a construção da Fraternidade Sacerdotal, na Rua Tenente Bessa Monteiro, junto ao Carmo, ele procurou que a os serviços da Cúria Diocesana tivessem as suas instalações. Houvesse aí espaço para a parte Administrativa e para o Tribunal.
- E. Nomeação dos Vigários. Vigário geral - Pe. António Castro Fontes, que sucedeu ao Mons. Sarmento e a nomeação dos vigários episcopais (Vigário Episcopal do Clero).
- F. No que diz respeito à administração dos bens eclesiásticos da Diocese. Não tenho qualquer dúvida que o D. Joaquim procurou cuidar dos bens da Diocese como bom pai de família (Cân. 1284), de forma diligente e responsável. Procurou fazer definitivamente a reforma do Estatuto Económico do Clero. Efetivamente esta reforma não chegou a todas as paróquias.
- G. Reforma dos Secretariados Diocesanos da Juventude, Liturgia
- H. Cuidado para com os padres que falhavam.

Pe. Sérgio Dinis